

## **Uma reflexão entre filosofia e teologia no pensamento de João Batista Libanio - leitura das obras: A Religião no Início do Milênio; Eu creio – Nós cremos.**

### **Introdução**

O objetivo da comunicação consiste em refletir a possibilidade do diálogo entre filosofia e teologia no pensamento de João Batista Libanio, principalmente nas obras *Eu Creio*, *Nós Cremos* e *A Religião no Início do Milênio*. Verificar-se-á a contribuição desse diálogo no aprofundamento do discurso epistemológico e o resultado do mesmo na prática filosófico-teológica na identidade e no destino humano.

A comunicação será estruturada em torno da pergunta fundamental: Como é que filosofia e teologia dialogam nessas obras de João Batista Libanio? Nessa tentativa de respostas, abriremos para três perguntas derivadas. É possível o diálogo filosofia e teologia nas obras de João Batista Libanio? Em que sentido o diálogo entre filosofia e teologia contribui para aprofundar o discurso epistemológico? Qual é o resultado do diálogo entre filosofia e teologia no pensamento de João Batista Libanio?

### **I O diálogo filosofia e teologia nas obras de João Batista Libanio**

As duas obras em questão nos remetem à busca de elementos plausíveis na identificação de aspectos que demarcam as relações entre filosofia e teologia para o enriquecimento epistemológico humano, isto é, no desenvolvimento do indivíduo.

A obra *Eu Creio – Nós Cremos* contribuirá na conceituação de fé, mas para tanto há necessidade de uma indagação filosófica *apriori*, uma reflexão no desenvolvimento do raciocínio em torno da fé, no entanto teológica. O autor elucida a importância básica de se tratar da teologia da Igreja Católica como lugar eclesial e evidenciar o momento cultural e geo-histórico do comportamento humano diante da fé e estar inserido no contexto atual da modernidade e da pós-modernidade.

No início da primeira parte da obra *Eu Creio, Nós Cremos*, Pe. Libanio abre a reflexão dizendo:

...Faremos teologia não pondo entre parênteses a fé, mas, muito pelo contrário, de dentro dela. Por isso, o ponto de partida é “eu creio”. Não creio sozinho, mas dentro de uma comunidade: a Igreja. Logo “nós cremos”.

“Eu creio” parece algo simples e imediato. Foi-nos dado crer. Nascemos numa família, numa cultura em que a fé se transmite de geração em geração. Se, de um lado, ela é “tradicional” porque se prolonga pela força da tradição, de outro vem sendo bombardeada sobretudo pela modernidade e pós-modernidade.

“Eu creio” já não é tão tranquilo como outrora. Assim, parece viável começar por aí nossa teologia. Penetrar um pouco nessa realidade que nos sustenta, ora firme, ora frágil.

O ser humano maravilhou-se diante do fato de que “existe o existe”, “existe antes de ser o nada”, “existe antes a música que o ruído”, e começou a filosofar. A filosofia nasce da maravilha diante de o ser existir e não reinar nada.<sup>1</sup>

Vivemos ainda um período de conflitos intelectuais, artísticos, econômicos e políticos em que os pensamentos filosófico e teológico sofrem modificações e são influenciados pela nova onda de questionamentos, principalmente pela especulação sobre a Fé em relação a Razão.<sup>2</sup>

Seguindo o raciocínio do Pe. Libanio, na obra *A Religião no Início do Milênio*, abrir-se-á uma compreensão acerca do conceito de religião, religiosidade e fé cristã. Para tanto existe um esforço de trabalhar essa estrutura com um pensamento lógico, amparado tanto pela filosofia como pela teologia em uma direção comum, ampliar a capacidade do indivíduo em sintonizar-se com o elemento da sua relação com Deus, a fé, e para tanto o uso da razão é ponto preponderante.

Nesse diálogo, surgem alguns conflitos. Para o Pe. Libanio “Causas contextuais cultural-filosóficas.” Segundo ele;

A decepção que alimenta o surto religioso estende-se para além do campo econômico-político. Vai mais fundo. Está em questão o processo civilizatório que o Ocidente iniciou nos albores do século VI a.C. na luminosa Grécia. O logos, como razão demonstrativa ou ciência, faz sua entrada gloriosa, modificando a relação com o mito, ao assumir uma função crítica diante dele. A razão ocidental percorreu longo itinerário. A partir do século XVII, ele arroga-se papel de absoluta autonomia, intitula-se “iluminada” para desfazer as obscuridades das tradições anteriores, fechando assim o ciclo da razão clássica. É com essa razão da modernidade pós-cristã que nos defrontamos nos últimos séculos e cuja crise se acentua cada vez mais.<sup>3</sup>

Diante desse quadro, tentaremos abordar a beleza aparente da filosofia e da teologia em diálogo no pensamento do Pe. Libanio. São duas formas de refletir a realidade do ser humano. Ora ocupando-se com uma das estruturas epistemológicas, ora lançando mão das

---

<sup>1</sup> LIBANIO, João Batista. *Eu Creio – Nós Cremos*: tratado de fé. São Paulo: Loyola, 2000, p. 21.

<sup>2</sup> Cf. LUCKESI, Cipriano C.; PASSOS, Elizete S. *Introdução à Filosofia: Aprendendo a pensar*. 5 ed. São Paulo: Cortez, 2004, p. 184.

<sup>3</sup> LIBANIO, *A Religião no Início do Milênio*. 2 ed. São Paulo: Loyola, 2011, p. 59.

duas para compreender uma mesma situação real, uma experiência de vida no conjunto da sociedade. Nesse contexto sabemos que a fé interpela, isto é, exige do indivíduo uma resposta, uma responsabilidade.

## **II O diálogo entre filosofia e teologia e sua contribuição para aprofundar o discurso epistemológico**

Já na introdução de *Eu creio – Nós cremos*, o autor expõe as características e objetivos da obra, para situar o leitor sobre a importância e seriedade em estudar e trabalhar a teologia apoiado no discurso científico.

Para Libanio, existe na relação entre revelação e fé uma pergunta fundamental, “como alguém, situado no movimento da subjetividade moderna em seu contínuo processo de transformação, levando em conta a condição peculiar de nosso continente, pode crer na Revelação de Jesus Cristo?”<sup>4</sup> Tal pergunta já provoca uma inquietação e em poucas palavras nosso autor responde dizendo, “este curso (livro) procura ser uma teologia fundamental em que os tradicionais tratados sobre a Revelação e Fé se estudam numa relação íntima.” (Sem esquecer-se de abordar os temas clássicos necessários para um estudante de teologia). Nessa linha, a Revelação é vista como proposta, “é a proposta que a Trindade faz ao ser humano de seu projeto salvífico. Deus trino se revela, salvando a humanidade”.<sup>5</sup>

Nesse conjunto, a fé é a resposta, isto é, o ser humano imbuído da sua liberdade dada por Deus, por meio da fé, responde amorosamente à Revelação e Salvação. Essa dimensão de resposta à Revelação implica uma reflexão contextualizada da fé, neste caso a necessidade da filosofia.

---

<sup>4</sup> LIBANIO, *Eu Creio – Nós Cremos*, p. 13.

<sup>5</sup> LIBANIO, *Eu Creio – Nós Cremos*, p. 13.

Nesse processo de dialogar, devemos fazer teologia de dentro da fé, para tanto, o ponto inicial é o “eu creio” e não sozinho, em grupo, “dentro de uma comunidade” Igreja. Logo “nos cremos”.<sup>6</sup>

O ser humano tem a percepção de questionar a própria existência e o existir do mundo, daí a necessidade de pensar, recorrer à filosofia, como comentamos no primeiro tópico. “A filosofia nasce da maravilha diante de o ser existir e não reinar nada.” Assim segundo Libanio, “nós nos admiramos diante do fato de que antes cremos que não cremos. Essa primeira certeza fundamenta o início do teologar. ‘Eu creio antes que não creio’.”<sup>7</sup>

Temos diversos percursos teóricos da fé em vários momentos culturais. Em alguns momentos no período medieval, a fé é conatural, está inserida no contexto da própria comunidade. Em outros momentos, a fé é questionada, como no período moderno e também na contemporaneidade. É bom observar que nesse embate o elemento filosófico provoca o teológico no sentido de apresentar respostas convincentes. O ambiente cultural reforça ou poderá padronizar um alinhamento do comportamento humano. Isso poderá trazer algumas consequências.<sup>8</sup>

A maior parte das pessoas vive, experimenta uma fé cristã tradicional, tranquila, sem conflitos existenciais de fé. O ambiente cultural dominante impõe regras, porém há a necessidade de transformação, uma reflexão mais crítica dos fatos e da própria fé. Acordar para o novo momento da história exige da pessoa uma resposta responsável e criteriosa no diálogo filosofia e teologia.

#### Segundo Libanio:

Antes de a Modernidade e a Reforma levantarem suas críticas à fé católica, não existia nenhuma teologia fundamental propriamente dita. As grandes questões teológicas, ao longo da história da Igreja, surgiram quase sempre no interior da Igreja. Em torno de questionamentos à fé, provocado frequentemente por teólogos do clero, se aprofundava determinado tema teológico e se iam elaborando os diversos conteúdos da Revelação. Nunca se punha em questão, porém, a totalidade da Revelação.<sup>9</sup>

---

<sup>6</sup> Cf. LIBANIO, *Eu Creio – Nós Cremos*, p. 21.

<sup>7</sup> LIBANIO, *Eu Creio – Nós Cremos*, p. 21.

<sup>8</sup> Cf. LIBANIO, *Eu Creio – Nós Cremos*, p. 21.

<sup>9</sup> LIBANIO, *Eu Creio – Nós Cremos*, p. 28.

Esse fragmento mostra a existência de um diálogo entre filosofia e teologia. O intuito é esclarecer a compreensão da fé pelas pessoas. É possível perceber que nem sempre o diálogo se faz presente, existem momentos de tensão, principalmente com a razão científica.

A razão moderna, sob múltiplas formas, submete a Revelação a suas análises e rejeita tudo o que lhe supera a compreensão, como mitológico. O filósofo francês Henri Gouhier disse que “a ciência moderna nasceu no dia em que os anjos foram expulsos do céu”. Por isso, Pascal podia afirmar: “O silêncio eterno desses espaços infinitos me apavora”. O silêncio do Deus da criação é mais terrível que o do Deus da Revelação. A razão científica escreve “o grande livro da natureza em caracteres geométricos” (G. Galilei) e pretende submeter a seu tribunal toda verdade que se apresente em nome de alguma outra autoridade que não ela.”<sup>10</sup>

É possível perceber nessa exposição acima que o autor levanta vários questionamentos, várias perguntas pontuais que dão sinais da necessidade de um diálogo entre filosofia e teologia.

### **III O resultado do diálogo entre filosofia e teologia no pensamento de João Batista Libanio**

No desenrolar da obra, Pe. Libanio levanta reflexões convincentes nesse processo de estabelecer uma relação com o universo do saber e o diálogo filosofia e teologia. Envolve a subjetividade, a experiência como ele afirma no terceiro capítulo da existência “de uma razão em busca de respostas e perguntas fundamentais em torno do sentido da vida”.<sup>11</sup>

Em outro momento dessa busca do diálogo filosofia e teologia, no capítulo sete por exemplo, é trabalhada a questão da fé numa dimensão intelectual, dar à fé a categoria ou condição de conhecimento.

Sendo a fé conhecimento, partiremos para uma compreensão da racionalidade da fé. Em função de a tradição ocidental ter valorizado em demasia a dimensão intelectual da existência humana, cabe agora entender a relevância da questão fé e razão.

"Eu creio" não é um simples movimento afetivo. Somos seres racionais. A fé deve, sem reduzir-se totalmente à razão, ser coerente com ela. A racionalidade é uma questão

---

<sup>10</sup> LIBANIO, *Eu Creio – Nós Cremos*, p. 34.

<sup>11</sup> LIBANIO, *Eu Creio – Nós Cremos*, p. 187.

intrínseca à própria fé. No entanto, a relação entre ambas nem sempre foi tranquila. Houve tensões. Estas assumiram formas históricas.

Assim, existe, de um lado, uma tensão estrutural permanente entre fé e razão, como dimensão do próprio mistério da fé, e, de outro, formas históricas que podem chegar ao extremo do conflito. Nesse caso, o diálogo lúcido e a liberdade crítica permitem superá-lo.<sup>12</sup>

Como observamos nesse fragmento, as tensões sempre existiram nessa relação fé e razão, por isso a necessidade do diálogo entre a filosofia e a teologia para dar sustentáculo à própria existência humana. O radicalismo provoca confusão e alimenta o dissabor epistemológico.

É possível perceber no breve percurso histórico trabalhado por Pe. Libanio, como pensadores do período da patrística até a modernidade buscaram estabelecer esse diálogo. Embora na modernidade, o pedestal da racionalidade científica tenta sobrepor-se à da fé constantemente, porém com todo o revés, a fé, através dos teólogos e seus estudos buscam um equilíbrio no que se refere à existência humana.<sup>13</sup> Esses teólogos também alertam para o cuidado com o fideísmo. Não é interessante buscar uma contra proposta radicalizante. É importante compreender a racionalidade da fé, como expõe Libanio:

A racionalidade no ato de fé quer acentuar o caráter de realidade e de verdade naquele que é o término de tal ato: a Trindade. Pretende mostrar que a fé não é fruto :: arbítrio, nem é aleatória. Pressupõe uma realidade que a fundamenta: o próprio Deus trino.

Mais: a fé não nasce das carências profundas do ser humano, nem é um discurso : rmpensatório de nossas fraquezas e impotências, como se afirmou tantas vezes nas regadas de L. Feuerbach.

Só é humano crer numa realidade existente. Oferecer um preito obsequioso só Em sentido se aquele que o recebe existe e o merece. Do contrário, seria um aviltamento e uma alienação.<sup>14</sup>

Esse fragmento nos inspira a entender a fé, sua racionalidade capaz de captar o real, “que na fé é o próprio mistério da Trindade.” E nos remete “a densidade de realidade para a salvação”.<sup>15</sup>

"Nós cremos" no seio da comunidade eclesial. A Igreja nasce da Trindade. Que conseqüências tal dado teológico tem para a vivência de nossa fé tanto na Igreja como na sociedade? Eis o que pretendemos estudar. Vamos encontrar na realidade da comunhão e

---

<sup>12</sup> LIBANIO, *Eu Creio – Nós cremos*, p. 171.

<sup>13</sup> Cf. LIBANIO, *Eu Creio – Nós cremos*, p. 173 - 179.

<sup>14</sup> LIBANIO, *Eu Creio – Nós cremos*, p. 181.

<sup>15</sup> Cf. LIBANIO, *Eu Creio – Nós cremos*, p. 187.

do impulso à vida comunitária uma iluminação para nosso problema. Crer é comungar com a Trindade e com os irmãos na fé. É criar comunhão e participar na vida da comunidade.<sup>16</sup>

Ao receber o legado da fé dentro da estrutura atual, o diálogo se faz necessário, principalmente no campo teologia e filosofia. Uma contribui no processo de reflexão da outra, elevando o ser humano à condição de responder pelos seus atos e partilhar a responsabilidade com a comunidade que faz parte.

### **3.1 Teologia como saber racional**

No transcorrer do pensar a teologia, a presença do pensamento aristotélico contribui significativamente no seu saber racional e de certa forma apresenta a condição de desfilar na passarela das ciências, como expõem Libanio e Murad:

A teologia, naturalmente, construiu-se desde o início com os serviços da razão, que acompanharão todo o seu desenrolar até o dia de hoje. A teologia sempre terá, como seu momento interno, a *razão*. No entanto, a Idade Média alimentou, de modo especial, esta função racional da teologia. A partir de então, esse papel ocupou o prosclênio do palco da teologia, ora com os instrumentos da escolástica, ora com os de outras filosofias.<sup>17</sup>

Nesse sentido a teologia abre-se como crítica no processo do conhecimento racional e não se intimida frente aos desafios que se apresentam.

### **3.2 A Religião no início do milênio**

A reflexão em torno dos rumos da religião no terceiro milênio traz à tona o debate epistemológico ciência e fé. Argumentamos antes que a teologia participa do ambiente científico com autoridade, mesmo que outros ramos da ciência insistam em ignorá-la. Nesse

---

<sup>16</sup> LIBANIO, *Eu Creio – Nós Cremos*, p. 245.

<sup>17</sup> LIBÂNIO, João Batista; MURAD, Afonso. *Introdução à Teologia: perfil, enfoques, tarefas*. 4 ed. São Paulo Loyola, 2003, p. 78.

aspecto, compreendemos que o diálogo com a filosofia fortalece e deixa aparente sua metodologia de rigor e autenticidade.

A emancipação científica de vários ramos do saber tende a valorizar aquilo que passa pela experimentação. Filosofia, teologia e outros métodos de investigação científica são tratados com menos privilégios. Nessa linha de raciocínio, a religião sofre diversos ataques. Dentro do aspecto religioso, o discurso cristão é bombardeado de críticas.

Na sua habilidade metodológica, o Pe. Libanio faz uma leitura desse turbilhão de críticas em sua obra. Nela, ele expõe diversos nomes da filosofia, teologia, sociologia, psicologia, das ciências naturais, e busca através dessa tentativa de dialogar, apontar os rumos da religião, sem abandonar a disciplina científica, filosófico/teológica.

A teologia buscar reagir com muita sutileza às provocações e sai em defesa da religião e da forte crítica da morte de Deus. Tirar Deus da história e da realidade humana é uma constante tentativa das áreas arrogantes do saber, do conhecimento. Por um lado, não é tarefa fácil essa tentativa e também é trabalho árduo defendê-la, porém não impossível. Daí a necessidade do diálogo entre filosofia e teologia. Fortalecer os laços de um discurso e uma metodologia eficiente para não deixar desamparado, um considerável número de pessoas que confiam em Deus.

Pe. Libanio mostra duas linhas de pensamentos na reação teológica às críticas recebidas. As linhas são:

**Uma tendência de cunho apologético** identificava secularização, secularismo e ateísmo. A modernidade manifestava-se então na sua clareza ateia, absolutamente irreconciliável com qualquer religião e fé cristã. Surge como sua negação. O debate consistia em desocultar-lhe as raízes atéias para evitar que elas avançassem mais sobre terrenos virgens e para arrancá-las enquanto possível.

**Numa outra atitude, F. Gogarten tomava distância dos juízos desconfiados da secularização.** Movido pelo "princípio de honestidade intelectual", procurava "manter seu pensamento de acordo com a realidade"<sup>11</sup>. Ora, a realidade estava marcada pela secularização, iniciada nos princípios da modernidade.<sup>18</sup>

Observaremos o diálogo filosofia e teologia no contexto cultural-filosófico. Segundo Pe. Libanio, o ambiente cultural ocidental e a crítica ao religioso (teologia) inicia-se na Grécia e se faz presente juntamente à crítica, o caráter de absoluta da ciência e sua autonomia no

---

<sup>18</sup> LIBANIO, *A Religião no Início do Milênio*, p. 18.



século XVII. Aqui Libanio recorre a Pe. Vaz para nos ajudar a compreender melhor esse processo. Fim da modernidade pós-cristã?

"Ela (a modernidade pós-cristã) assinala uma nova época na civilização ocidental do ponto de vista da reorganização do seu sistema simbólico e seus traços começam a definir-se a partir do século XVII. São traços que compõem um novo desenho do sistema das razões, autorizando-nos a falar de uma nova modernidade que encerra aparentemente o ciclo das modernidades que se desenvolveram sob a égide da razão clássica. Ora, a modernidade pós-cristã [...] irá refazer de modo profundo e mesmo radical o modelo das relações até então vigentes entre filosofia e teologia... É verdade que o advento da idade *moderna*, nessa significação consagrada com que nos referimos à idade histórica que estamos vivendo e que, talvez, esteja atingindo o seu fim...."<sup>19</sup>

Nessa obra, Pe. Libanio nos remete à crítica de parte da filosofia aos alicerces da transcendência. Baseia-se em autores (HARNACK, SCHLEIERMANCHER, FEUERBACH) que desenvolveram argumentos sérios a respeito do sagrado. Essa exposição anti-religiosa não nos impede de perceber no pensar do nosso autor uma profunda preocupação com relação filosofia e teologia no discurso epistemológico.<sup>20</sup>

A modernidade tem sim suas análises críticas e até interessantes no intuito de fazer atual o aspecto teológico da experiência humana. Em todo percurso dessas duas obras trabalhadas por nós, os sinais e as tentativas de diálogo entre filosofia e teologia são reais.

## **Conclusão**

Ao discorrermos sobre as obras mencionadas, mantivemos a reflexão em torno do diálogo entre filosofia e teologia. Nossa preocupação foi mostrar o quanto é possível trabalhar duas estruturas do conhecimento em um discurso de bom nível. Nessa linha de raciocínio, Pe. Libanio mostra em seu pensamento que é possível confrontar ou relacionar várias formas de buscar o saber.

Em nossa pesquisa na elaboração dessa comunicação, foi possível perceber que esse diálogo se faz presente nessas duas obras. Cada uma enfoca um objeto da teologia, mas a presença da filosofia nas argumentações e reflexões dá sinais de que o espaço para atingir o conhecimento é bastante favorável a um futuro promissor da ciência em torno da fé.

---

<sup>19</sup> VAZ apud LIBANIO, *A Religião no Início do Milênio*, p. 18.

<sup>20</sup> Cf. LIBANIO, *A Religião no Início do Milênio*.

## Referências

LIBÂNIO, João Batista. *Eu Creio – Nós Cremos: tratado de fé*. São Paulo: Loyola, 2000.

\_\_\_\_\_. *A Religião no Início do Milênio*. 2 ed. São Paulo: Loyola, 2011.

\_\_\_\_\_. *Qual o Futuro do Cristianismo?* São Paulo: Loyola, 2006.

\_\_\_\_\_. *Introdução à Vida Intelectual*. São Paulo: Loyola, 2001.

LIBÂNIO, João Batista; MURAD, Afonso. *Introdução à Teologia: perfil, enfoques, tarefas*. 4 ed. São Paulo Loyola, 2003.

LUCKESI, Cipriano C.; PASSOS, Elizete S. *Introdução à Filosofia: Aprendendo a pensar*. 5 ed. São Paulo: Cortez, 2004, p. 184.